

Apresentação do Dossiê

Há registros muito antigos, desde nossos ancestrais do chamado tempo das cavernas, que indicam a importância que a imagem sempre teve para o ser humano. Este fato nos permite dizer que somos seres imagéticos. Não conseguimos viver sem consumir e produzir imagens.

A história nos mostra como o processo de elaboração das imagens – seja como forma de registro, de auto-expressão, de louvação ou de comunicação – veio evoluindo de maneira fantástica e maravilhosa ao longo do tempo: as pinturas rupestres nas cavernas, os desenhos em tabuletas de barro, os primeiros alfabetos imagéticos, os registros em papiros, as esculturas, as pinturas, as pinturas corporais, a simbologia imagética dos rituais religiosos de diferentes culturas, o desenho na cultura mundo oriental, a arquitetura, a sofisticada arte sacra do período medieval europeu, os vitrais, a pintura em telas, os monges copistas que ilustravam página por página dos grandes livros e, de modo especial, as novas possibilidades trazidas com a invenção da imprensa, ou seja, os livros, os jornais, os folhetins, as revistas. Em todos e em cada uma destas possibilidades a imagem esteve sempre presente, nos auxiliando a construir o diálogo entre as realidades humanas objetiva e subjetiva e, conseqüentemente, ajudando o nosso processo de constituição enquanto seres humanos.

O surgimento da ciência moderna e das tecnologias delas decorrentes, atreladas ao progresso impulsionado pelo capitalismo, favoreceu que a partir do século XIX novas invenções tornassem ainda mais poderosas as imagens no processo humano de desenvolvimento, pois a fotografia e o cinema, nascidas naquele século, são, sem dúvida alguma, marcos fundamentais em

nossa história imagética. O século XX viu não só o aperfeiçoamento destes fabulosos inventos. Viu também o surgimento da televisão, o cinema se alastrar de forma vertiginosa, as histórias em quadrinhos, que há muito existiam, ganharem espaço considerável nos chamados meios de comunicação de massa. E a segunda metade do mesmo século XX viu, ainda, a popularização dos computadores e dos telefones celulares, assim como esta primeira década do século XXI está vendo a popularização da internet e dos games, que em conexão com um sem número de outros aparelhos, entre eles de modo especial os celulares, está se tornando um gigantesco repositório de informações textuais e imagéticas que continuam a participar da vida que está sendo criada e recriada, o que faz alguns pensadores já estarem considerando o mundo pós-humano.

Obviamente que a importância das imagens não passou despercebida, ao longo deste tempo, para os pensadores e práticos que trabalhavam com a educação. A didática moderna, com referência em Comenius, embora Aristóteles também já ensinasse o mesmo, já via a importância das ilustrações, dos sentidos e da imaginação para o processo de aprendizagem, mesmo numa cultura que, fortemente marcada pelo racionalismo científico – que depois ficará conhecido como paradigma newtoniano-cartesiano – passará a olhar com certo desdém para as imagens, de modo especial nos ambientes acadêmicos, reforçando a perspectiva de uma cultura logocêntrica e relegando as imagens praticamente ao mundo da literatura infantil, excetuando-se obviamente as imagens técnicas, vistas como expressão de uma representação científica.

A despeito disso, no entanto, as imagens continuarão a ganhar força e no século XX, como já se disse, serão largamente utilizadas pela indústria cultural na sociedade capitalista. Desta forma não foi possível que os pesquisadores de diferentes campos do conhecimento desconsiderassem-nas como importante objeto de estudo. A título de ilustração lembro alguns dos estudiosos, um pouco mais distantes ou um pouco mais próximos ao nosso tempo, mas todos nossos contemporâneos, que se debruçaram sobre o estudo das imagens: no campo da comunicação McLuhan e Umberto Eco contribuíram imensa-

mente com análises sobre os meios de comunicação de massa e, dentro deles, as imagens; neste campo ainda, em diálogo com as ciências sociais, não há como não lembrar de *Ariel Dorfman* e *Armand Mattelart* com o clássico “Para ler o Pato Donald”, que possibilitou uma rica discussão sobre a manifestação dos conteúdos ideológicos de classes sociais nas histórias em quadrinhos e, em decorrência, em outros meios de massa; desde o campo da psicologia, primeiro *Freud* e, depois, *Jung* permitiram buscar raízes das imagens e dos processos criativos no inconsciente humano seja na perspectiva do inconsciente individual ou do inconsciente coletivo; no campo dos estudos mitológicos, *Joseph Campbell*, com a contribuição de Freud e de Jung, ajudou-nos a perceber como as imagens míticas têm estado com os seres humanos ao longo de toda a história, hoje inclusive, quando criamos novos mitos que, segundo ele, nos permitem continuar construindo a vida humana sobre o planeta Terra e, quem sabe, para além dele; e, finalmente, sem ter pretendido esgotar temática tão ampla e complexa, mas apenas, desejando ter trazido alguns exemplos significativos, *Manguel* com seu rico “Lendo imagens: uma história de amor e ódio”, para quem “qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos”.

As últimas décadas viram crescer a preocupação dos educadores com o lugar das imagens nos processos educativos. Movimentos de renovação e reinvenção no interior dos processos formativos de arte-educadores; congressos e associações aproximando temas como mídias, arte e educação; o empenho na compreensão do lugar dos *games*, das comunidades virtuais e das redes sociais no processo formativo de crianças, adolescentes e adultos são sinais evidentes não só desta preocupação, mas também do desejo de construir um trabalho significativo com as imagens nas práticas educativas, ou seja, um trabalho pedagógico-imagético adequado às demandas de nosso tempo.

Neste sentido, a perspectiva de uma cultura visual que auxilie alunos e professores a construir uma relação com as imagens por meio da qual seja possível, também, compreender melhor como nos constituímos em nossos aspectos objetivos e

subjetivos e, portanto, que favoreça o maior conhecimento de nossa própria condição humana é muito bem vinda.

Temos visto, de fato, desde os anos da década de 1990 surgir um campo de estudos interdisciplinares que com foco nas imagens, guarda estreita proximidade com os estudos culturais, a arte e a mídia, e que vem sendo chamado de cultura visual. Paulo Knauss, em interessante trabalho intitulado “O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual”¹ faz um levantamento de obras e tendências principais dentro deste ainda recente, mas já muito importante campo de estudos. Sem pretender apresentar as idéias trabalhadas por Knauss julgo, entretanto, importante lembrar que para este autor alguns aspectos comuns estão presentes nas várias maneiras de compreender o que venha a ser cultura visual: o interesse pela grande diversidade do mundo das imagens, de representações visuais, de fontes e de modelos de visualidades; a afirmação de que a visualidade é uma construção cultural; o interesse em investigar, nos muitos e diferentes tipos de imagens, aspectos que não são denominados propriamente artísticos; o empenho em verificar como as muitas formas e sentidos ganham espaços de circulação nos contextos sociais específicos e influenciam a constituição dos sujeitos; o impacto das tecnologias dos computadores na construção de novas visualidades e novos sentidos.

Como se vê a cultura visual, desde estas diferentes possibilidades de abordagem, traz ao campo da educação uma grande contribuição, principalmente quando entendemos, no âmbito da educação formal, a escola como um espaço de formação humana que se desenvolve no contexto da construção de currículo, aberto e em permanente elaboração, que favoreça a constituição do conhecimento como algo inacabado e dirigido para ao menos quatro pontos fundamentais, como sugere Michael Apple: o técnico, o ético, o político e o estético.

Foi a partir desta preocupação que a Revista Educação & Linguagem abrigou a proposição do dossiê “Educação e Cultura Visual”, com a finalidade de discutir alguns dos muitos possíveis aspectos que perpassam esta relação.

¹ Conferir em: ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

Temos a felicidade de contar neste dossiê com a participação de um grupo de docentes-pesquisadores do Mestrado e Doutorado em Arte e Cultura Visual, locado na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. São eles Raimundo Martins, Leda Guimarães, Irene Tourinho e Edgar Franco que nos trazem contribuições que passam pelo aprofundamento dos conceitos de “hipervisualização” e “territorialização” no âmbito da cultura visual e da educação; pelo empenho de compreensão e análise de trabalhos focados em narrativas visuais; pelos questionamentos em torno da cultura (não apenas visual) e da necessidade de reexaminar o lugar da experiência no processo de construção do conhecimento bem como de resistir à metodolatria e suas implicações; e, ainda, pela conceituação de ciberarte e pós-humano no contexto concreto do trabalho de Sterlac juntamente com uma reflexão sobre as implicações éticas destas novas abordagens. Deste grupo de trabalhos, que discutem algumas questões de fundo da cultura visual, aproxima-se a valiosa contribuição de José Eustáquio Romão (UNINOVE/IPF) que, desde referências diferentes do grupo citado, e coerentemente com a proposição da cultura visual, apresenta interessante reflexão sobre o lugar da imagem no pensamento de Paulo Freire em diálogo com as idéias de *Régis Debray*.

Os demais trabalhos do dossiê aprofundam aspectos específicos de diferentes visualidades. Pilar Pérez, da Universidade Autônoma de Madri (Espanha), apresenta como trabalha com material onírico e o imaginário interno, com estudantes de educação artística, como base para produção de arte. Margaréte May Berkenbrock Rosito e Regina Costa D’Ávila Queiroz Saggese (UNICID/SP) nos apresentam um trabalho sobre a relação entre a Pedagogia Imaginal e os processos criativos tomando por referências as obras de Josso e Hillman numa perspectiva de (auto) biografia e formação docente. Teresa Eça, da Universidade do Minho (Portugal), a partir de interessante proposta de trabalho educativo questiona o lugar que o desenho tem ocupado nos atuais debates proporcionados pela cultura visual e termina apresentando um terceiro espaço pedagógico “que não se coaduna facilmente com fronteiras rígidas entre escola e meio

ou entre análise e produção”. Gazy Andraus (FIG-UNIMESP) nos mostra, desde os estudos com base nos hemisférios cerebrais direito e esquerdo, como o trabalho com as imagens em geral e as histórias em quadrinhos, em especial, podem auxiliar a construção de uma proposta de escola que ajude a superar as perspectivas cartesianas ainda fortemente presentes em nossa cultura. Por fim, Marta Regina Paulo da Silva e Elydio dos Santos Neto apresentam alguns desafios que se colocam às práticas educativas, na perspectiva da cultura visual, quando se focam as relações de gênero nas histórias em quadrinhos infantis.

Tenho certeza que este dossiê será de grande valia para professores e pesquisadores, seja na perspectiva da formação permanente ou na proposição de novos temas de pesquisa, de modo especial nas áreas de arte e educação, mas não só, uma vez que a cultura visual se abre a todos que tenham o interesse pela construção cultural e pela constituição humana desde as diferentes visualidades.

Elydio dos Santos Neto
Organizador do Dossiê Educação e Cultura Visual